

Organização do espaço na referência simbólica do palco

Domingos Tavares
Universidade do Porto

O teatro renasce no espaço das modernas sociedades urbanas como uma das formas de arte capazes de reunir num sentimento do valor das práticas de vida colectiva os grupos sociais algo dispersos ou distraídos por outras formas de organização das tensões quotidianas, decorrentes em geral da cultura do conforto que tende ao encerramento da pessoa no quadro do individualismo mais competitivo. Por isso, também, quero deixar aqui o meu agradecimento à organização deste debate e em particular à Professora Cristina Marinho, por se ter lembrado de envolver os arquitectos e a sua escola neste projecto e, particularmente, por me ter permitido esta possibilidade de aqui trazer algumas preocupações ainda que não formuladas sob a forma de dúvidas, que se referem ao conteúdo teórico e prático do entendimento que vimos fazendo da arte da arquitectura.

A possibilidade da criação de um Centro de Investigação em Estudos Teatrais na Universidade do Porto constitui mesmo uma matéria do maior interesse para a arquitectura e os arquitectos, que na dimensão parcial do seu possível envolvimento em equipas multidisciplinares de pesquisa podem ver abrir-se um campo de reflexão sobre os conteúdos próprios da sua disciplina e serem por essa via motivados para questões novas do entendimento que em geral se vem impondo no nosso distraído fazer, quando nos envolvemos tão apaixonadamente mas tantas vezes menos lúcidos no processo da construção dos espaços das nossas cidades e das nossas vidas.

Venho trazer uma ideia muito simples. O envolvimento de arquitectos com autores, compositores, coreógrafos, encenadores, actores, ocupando-se do trabalho típico da concepção cenográfica, modelando as formas, a cor e a luz numa arquitectura do imaginário para visão defronte dos olhos do espectador, constitui mais do que uma experiência excepcionalmente enriquecedora dos seus saberes, mas também um contributo para o desenvolvimento das artes colectivas como são as artes do espectáculo e, por essa via, um caminho certo para o progresso da cultura.

Vivemos hoje, como aliás sempre aconteceu a outras gerações noutros contextos, um momento de aguda crise perante a encruzilhada com o que se nos apresenta como de novos paradigmas, exigindo respostas às exigências da sociedade em constante mutação. Particularmente os mais jovens revelam a angústia dos saberes imperfeitos e a perplexidade na escolha do seu posicionamento, impondo-se estudar, discutir, aprofundar respostas alternativas no quadro das disciplinas de referência que a Universidade acolhe. Para elas tem de contribuir com o desenvolvimento do saber, aceitando que as artes e as humanidades constituem hoje a mais importante “tecnologia de ponta”, isto é, a expressão da inteligência criativa ao serviço do progresso ou da riqueza da alma humana. Esta é a grande responsabilidade do Centro de Investigação que agora se propõe, que os arquitectos gostariam de partilhar.

Sabemos que desde a antiguidade a arquitectura se envolveu na concepção dos espaços de representação, gerando alguns dos mais maravilhosos monumentos presentes nos santuários e festividades do mundo mediterrânico. Por exemplo, organizando a cena fixa e os praticáveis com vários níveis que tornavam o teatro mais alto, mais longo, mais presente na alma de milhares de peregrinos, ouvindo a comédia ou o poema trágico que alerta o espírito para as razões mais profundas da vida. Ou construindo os maravilhosos anfiteatros no centro do círculo do horizonte visível de Delfos, do Epidauro, da Olímpia de todos os Deuses que confortam os homens abrindo a esperança para a luta quotidiana.

A civilização ocidental consolidou ao longo de mais de dois milénios uma noção de arquitectura assente na produção de formas significantes organizadoras de espaços vivenciados e, em alguns momentos desse longo fazer, carregou forte nas representações de valores associados de leitura simpática através do discurso decorativo no complemento das formas básicas essenciais. Ainda assim, podemos tomar a palavra de Le Corbusier, um dos nossos mestres mais radicais do século XX, repetindo com ele que a arquitectura é “o jogo sábio dos volumes sob a luz”. Ou, de outro modo interpretar aquele mesmo entendimento e dizer directa e francamente como Fernando Távora, a arquitectura é “a organização do espaço”.

Na realidade, se o espaço é a matéria primeira objecto do trabalho do arquitecto, ele tem de ser entendido como coisa física mas não palpável, que ganha corpo pelo tratamento das superfícies limite através da proposição do seu grau de densidade, textura, opacidade, cor sob a percepção da luz, em suma sob a forma que o contém ou envolve. Volumes iluminados para a organização de uma arte visual. E outros valores de carácter menos positivo reportando-se à memória e à cultura das gentes para construir os sinais que procuram conferir ao seu uso sentimentos de estabilidade e prazer estético que justificam todo esse trato como uma actividade intelectual de essência criativa. A qualidade central do espaço arquitectónico reside,

assim, na sua capacidade de oferecer condições de meio e de cena para o desenvolvimento equilibrado e feliz da vida humana em sociabilidade.

Aqui começa o quadro teórico em que se enquadra a epistemologia da arquitectura como disciplina do espaço. A construção, a modelação dos suportes definidores de cada situação, a caracterização dos ambientes com recurso à subtileza dos materiais mas também do uso do imaterial, constitui campo do profissional das formas transformadas. Com ele convivem as noções de tempo e movimento que consubstanciam o atributo essencial do usufruto da arte arquitectónica, a memória nas suas dimensões individual e colectiva, sobre o tempo presencial e os tempos longos. A forma caracteriza o espaço e a sua natureza é ser em simultâneo presencial e envolvente.

Diferente é a condição do espaço cénico enquanto área de representação teatral, segundo os modelos convencionados com predomínio na arte do ocidente. Não tenho condições para entender correctamente esta questão no contexto das representações populares de raiz rural e que nos chega sob a leitura de teatro medieval, onde os pressupostos do uso do espaço se podem aproximar mais da noção arquitectónica corrente, onde os actores contadores da estória se movem em contextos físicos vulgares, tantas vezes por entre o próprio público ou sobre estrados improvisados sem artificios delimitadores ou caracterizadores de qualquer cena especial. Estou a lembrar-me das “bugiadas”, representação da paixão de Cristo nas festas populares de Junho na freguesia de Campo, em Valongo, ou da magistral interpretação que nos fez Manoel de Oliveira de uma destas representações populares no filme “Acto da Primavera”.

Afinal, desde sempre e em todos os quadros culturais de desenvolvimento da vida humana, desde a China aos Andes, se desenvolveram formas de narrativa encenada sob representação simbólica dos valores próprios das diferentes culturas. É neste contexto que nos interessa investigar sobre o papel da arquitectura e dos arquitectos trabalhando o espaço simbólico não vivenciado, mas compreendendo o exercício de imaginação do espectador da representação, como inserido numa modalidade de envolvimento não físico, mas sensitivo, transportando-se imagneticamente para o interior da acção. Claro que aqui, como em qualquer outra situação, a arquitectura não se apresenta só, mas solidária com as outras artes para a concretização da obra que emotiva o espectador e o pode transportar para o mundo do onírico.

Este é o enigma que o teatro nos propõe e pode ser um contributo chave para a formulação de uma teoria do espaço simbólico, campo de investigação fundamental não só para a epistemologia da arquitectura, mas também para uma melhor compreensão dos instrumentos de trabalho do arquitecto nos processos de caracterização do espaço, atento à problemática da construção dos ambientes, da interpretação dos usos e do efeito sobre os comportamentos de natureza subjectiva dos seus utentes. Que a este

propósito se venha juntar a Psicologia, a Sociologia, as outras Artes, num convívio operativo com as Letras, o Direito e a Arquitectura. E logo também, dispondo da principal cadeira, os agentes da arte do teatro que estão na luta quotidiana, no terreno, no sofrido fazer que a todos engrandece. Para que se cumpra a Universidade.